

# «A ORGANIZAÇÃO DE FORÇAS INTERNAS

(Conclusão da 1ª página)

pôr em prática (não poderá ser agora, durante o meu governo, porque é indispensável o funcionamento da As-

sembleia da República) mas penso que será um dos aspectos mais importantes ainda a pôr de pé até 1980».

## «Tenho o maior interesse em contactar os Açorianos radicados nos Estados Unidos»

— O primeiro-ministro de Portugal vai falar na ONU no próximo dia 1. Pensa, aquando dessa sua deslocação aos Estados Unidos, ter contactos com as comunidades açorianas naquele país?

— Tenho o maior interesse. Os Estados Unidos são enormes e, como sabe melhor do que eu, as grandes colónias situam-se nas duas costas. Não será ainda desta vez que terei contacto com a costa ocidental, portanto, a zona toda da Califórnia, mas espero tê-la com os Estados Unidos limítrofes de Nova Iorque, em particular com o Estado de Massachussetts, com que mantenho relações parti-

cularmente amigáveis, justamente com o representante na Câmara dos Representantes, que é também uma senhora, e que tem uma grande preocupação pela população açoriana do seu Estado.

Não sei ainda — isso depende agora do Ministério dos Negócios Estrangeiros e do nosso cônsul em Nova Iorque — das condições que terei para um encontro eventualmente como açorianos representantes de Estados mais próximos ou no Estado de Massachussetts. Mas é óbvio que esse será um dos pontos altos do programa de estadia em Nova Iorque, embora muito curto, claro.»

## «Qualquer perigo separatista parece-nos afastado num futuro próximo»

— Já no seu Governo, houve uma intervenção do Ministério dos Negócios Estrangeiros a obstar uma deslocação aos Açores dum congressista americano. O que é que houve, de facto, a volta deste problema?

— Houve, julgo eu, uma certa imprudência da parte do senador, que, aliás, não tem como objectivo qualquer ofensa a Portugal.

Como sabe, os americanos, sempre que alguma coisa está fervendo em qualquer ponto do mundo, têm uma atitude imediata de tentar ir e ver.

Julgo que, neste caso, tratava-se de uma preocupação idêntica (não vou tirar outras conclusões), mas naturalmente que para o Governo português, para o Governo central, (e o Governo dos Estados Unidos está perfeitamente consciente desta questão) há um certo número de limites ao contacto, não só nas regiões autónomas como também aqui, no continente, dos representantes dos órgãos do legislativo ou do executivo de qualquer país relativamente a problemas internos.

() que se passava tinha um certo número de laivos de ingerência nos assuntos internos portugueses que não nos parecia muito oportuno.

De resto, repare que nem sequer foi precisa uma intervenção clara do Governo Português, na medida em que, mesmo dentro dos Estados Unidos,

houve um movimento — digamos — de autocorreção do processo. Até agora, as autoridades americanas têm manifestado sempre a maior compreensão. Visto de longe, é evidente que os Açores situam-se numa zona particularmente interessante do mundo, virados como estão para dois universos diferentes e, no entanto, complementares.

É claro que é muito natural que exista, mesmo ao nível cultural, perante o povo dos Açores, um interesse grande pelos Estados Unidos. Há laços enormes entre as famílias açorianas e famílias já radicadas...»

De resto, a população dos Açores é mais numerosa nos Estados Unidos e no Canadá do que propriamente nos Açores.

— Exacto. Mas o que eu acho muito interessante é manterem justamente essa característica de população açoriana, mesmo quando já radicados nos Estados Unidos e no Canadá.

Evidentemente que essa situação entre estes dois mundos significa uma certa tensão entre duas forças. Julgo que não é de ignorar esse problema. Eu não ignoro e penso que os meus colegas do Governo Central também não ignoram. Mas tão pouco o dramatizamos, porque sentimos que os valores culturais açorianos estão tão enraizados, há um laço tão grande

com Portugal que qualquer perigo separatista nos parece afastado, assim, num futuro próximo.

Por outro lado, conhecendo a política dos Estados Unidos, a política do seu governo, que nem sempre coincide com a política do Congresso (é que convém fazer uma distinção, e muito menos com a dos senadores, tomados

## «Penso analisar todos os problemas que dizem respeito às Regiões Autónomas»

— Como primeiro-ministro de Portugal, como vê a existência dos dois movimentos nacionalistas — A FLA-MA, na Madeira, e a FLA, nos Açores?

— Bom, repare que a organização de forças internas nas regiões autónomas têm, sobretudo, uma aprovação ou responsabilização do governos regionais.

Julgo que, mais do que o Governo Central, os Governos Regionais estão em condições de medir o valor, o impacto, a importância da existência de forças que, eventualmente, tenham sinais opostos.

Dum ponto de vista meramente jurídico, dir-lhe-ia que me parece facilmente conciliável, com o respeito integral pela Constituição, a existência de grupos, em qualquer parte do país, que neguem a própria unidade do país, enquanto tal.

Por outro lado, posso reconhecer que, em determinados momentos, haverá forças que se exprimem, ou por influência alheia ou também por carências, que muitas têm havido, de preocupação do Governo Central em relação às ilhas dos Açores e da Madeira, e que essas forças precisem dum certa expressão para que os governos centrais exerçam a sua responsabilidade dum forma mais séria e mais continua. Não digo que não tenha sido séria, mas mais continua.

Recordo-me, quando pela primeira vez, fiz parte de um governo, em 1974, sabia de algumas ilhas que não tinham sequer acesso a cuidados médicos no arquipélago dos Açores, e recordo-me da dificuldade que então encontramos, na tentativa de descobrir médicos que aparecessem como voluntários, para prestar serviço nas

ilhas. individualmente) a política americana, tão pouco, neste momento, a de interferir na soberania dum Estado com quem lhe interessa manter relações pacíficas e perfeitas.

Eu julgo que foi este tipo de questões que estiveram em causa no incidente que acaba de referir. E não foi mais do que isso.»

ilhas.

«Ora, aqui está uma responsabilidade do Governo Central que me parece decisiva, e sem a qual se justificam depois o aparecimento de outras forças.»

Mas, devo dizer que a situação concreta dos dois movimentos que referiu ainda não foi suficientemente analisada, nem pelo Governo Central, nem por mim em ligação com os Governos Regionais. Portanto, seria prematuro dizer mais.»

— Pensa no futuro, numa próxima oportunidade, vir a analisar a situação desses dois movimentos, em contactos com os Governos dos Açores e da Madeira?

— Eu penso vir a analisar, com mais cuidado, todos os problemas que dizem respeito às regiões autónomas, e não apenas no aspecto defensivo, no sentido de manter a integridade nacional. Não só por isso. Isso, sem dúvida, é um imperativo, que cabe a qualquer chefe de governo e que toda a gente compreende; mas porque considero, por um lado, que o povo dos Açores tem que encontrar, no Governo Central, um apoio e uma valorização dos seus recursos e das suas qualidades muito maior do que encontrou até agora; por outro lado, porque penso que a evolução da autonomia nos Açores e na Madeira podem ter uma grande influência na criação de regiões dentro do continente. Portanto, nesse sentido, quero levar, tanto quanto puder, o exant desta experiência, até ao fim das minhas próprias possibilidades de análise que o tempo me permitir e também do contacto com os Governos Regionais.»

## «Aprenderia muito para toda a vida nacional num contacto com os Açores»

— Não pensa um dia visitar os Açores em visita oficial?

— Só lhe posso dizer que gostava imenso e que é uma das minhas